

LETRINHAS “GREGO ANTIGO: PRIMEIROS PASSOS”, UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

Letrinhas “Ancient Greek: first steps”: a teaching and learning experience.

Lidiane C. Carderaro⁶²

Recebido em 31 de março de 2025

Aceito em 30 de abril de 2025

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar as experiências e resultados obtidos por ocasião da realização da primeira oficina de línguas do Projeto LETRINHAS do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga da Unipampa, campus São Borja (LECA Unipampa). O Projeto LETRINHAS surgiu entre as atividades do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga da Universidade Federal de Pelotas (LECA UFPel) a fim de proporcionar aos alunos o contato com as línguas e linguagens diretamente relacionadas aos estudos de História Antiga. Para sua primeira edição foi escolhida a oficina de Língua Grega, ministrada por mim. Da mesma forma, quando foi introduzido no LECA Unipampa, fui convidada a ministrar a primeira oficina do projeto, iniciando-o novamente com uma introdução à Língua Grega antiga. Neste artigo, apresento as nuances e resultados dessa experiência, reafirmando a relevância de inserir no ambiente acadêmico, especialmente no campo das Humanidades, o estudo das línguas antigas.

Palavras Chave: Projeto Letrinhas, Língua Grega, línguas antigas.

Abstract:

This article aims to present the experiences and results obtained during the first language workshop of LETRINHAS Project, of the Laboratory of Studies on Ancient Ceramics of Unipampa, São Borja campus (LECA Unipampa). The LETRINHAS Project emerged among the activities of the Laboratory of Studies on Ancient Ceramics of the Federal University of Pelotas (LECA UFPel) in order to provide students the contact with languages directly related to the study of Ancient History. For its first edition, the Greek Language workshop was chosen, which I taught. Likewise, when it was introduced at LECA Unipampa, I was invited to teach the first workshop of the project, starting it again with an introduction to the Ancient Greek Language. In this article, I present the nuances and results of this experience, reaffirming the relevance of including the study of ancient languages in the academic environment, especially in the field of Humanities.

Keywords: Letrinhas Project, Greek Language, ancient languages.

Introdução

O Projeto LETRINHAS surgiu entre as atividades do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga da Universidade Federal de Pelotas (LECA UFPel), em 2016, com o objetivo de proporcionar aos alunos daquela universidade o contato

⁶² Doutora em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP); Pós-doutoranda em Arqueologia pelo MAE-USP. Bolsista FAPESP nº 2021/14601-2. ORCID: 0000-0002-0710-1467<mailto:lidyanne@gmail.com>; E-mail: lidyanne@gmail.com.

com as línguas e linguagens diretamente relacionadas aos estudos de História Antiga. Para sua primeira edição foi escolhida a oficina de Língua Grega, ministrada por mim, que na época era aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, tendo me graduado em Língua Grega na Universidade de São Paulo (USP).

Hoje, oito anos depois, o LECA Unipampa - ramificação do laboratório – leva essa proposta para o Campus São Borja, como uma atividade virtual de Pesquisa e Extensão, ampliando assim seu alcance para além das paredes da universidade. É nesse âmbito que fui convidada a realizar o primeiro LETRINHAS do LECA-Unipampa, iniciando, portanto, o projeto da mesma maneira como ele começou na UFPel.

Ao iniciar a apresentação do que foi essa atividade, começo por reproduzir aqui a Ementa da proposta, tal qual foi apresentada aos interessados inscritos:

"Aos estudantes, especialmente de Humanidades, é constante o contato com termos e conceitos baseados na Língua Grega, muitas vezes apenas transliterados, frutos da própria origem dos estudos humanísticos que ainda hoje são base para a construção do nosso conhecimento.

Propomos aqui uma apresentação da Língua Grega, de forma a promover um primeiro contato e demonstrar possibilidades de estudo e aplicação desses conhecimentos ao longo de leituras e pesquisas, especialmente aquelas voltadas para os Estudos Clássicos.

Esta oficina tem por objetivo familiarizar os estudantes com os conceitos mais básicos da Língua Grega, facilitando o acesso à sua compreensão e despertando o interesse pelo estudo da língua."

Dessa forma, nosso principal intuito sempre foi promover o primeiro contato dos estudantes de graduação e pós-graduação com a Língua Grega. Proporcionando uma compreensão elementar que pode ser assimilada de forma individualizada e permitindo que cada pesquisador utilize esses conhecimentos da forma que melhor se encaixe em sua pesquisa. Vale ressaltar que o acesso a línguas antigas, especialmente o Grego e o Latim, são demandas frequentes entre os estudantes e jovens pesquisadores cujas pesquisas estão relacionadas à Antiguidade. O acesso a esse conhecimento, no entanto, é mais limitado em universidades e programas de graduação e pós-graduação que não mantêm uma linha de pesquisa voltada para os Estudos Clássicos, seja na área de Letras, seja

em História, Filosofia, Arqueologia, Artes, entre outras. Assim, a oficina proposta vem preencher, ao menos em parte, essa lacuna existente, procurando acima de tudo dar ferramentas aos estudantes para que, por conta própria, possam buscar os conhecimentos que consideram necessários para o desenvolvimento de suas pesquisas e, por consequência, de si mesmos. Por essa razão, escolhemos o título do curso: “Grego Antigo: primeiros passos”.

Cabe, ainda, reafirmar que, enquanto projeto de Extensão, o curso não foi restringido a alunos daquela universidade, mas aberto a todos os interessados. Teve ampla divulgação nas redes sociais do laboratório, o que o levou a atingir um público imensamente diverso.

Tendo em vista que essa oficina já havia sido ministrada anteriormente, a ideia inicial era replicá-la tal qual proposta anteriormente, com adaptações devido ao formato virtual. Muito do conteúdo foi, dessa forma, atualizado e mesmo ampliado. A oficina contou com três aulas de uma hora de duração cada, que foram transmitidas de forma síncrona por meio do canal do LECA Unipampa do Youtube (https://www.youtube.com/@LECA_Unipampa) e onde continuam disponíveis. Os vídeos contam, hoje, com aproximadamente 600 visualizações cada, o que demonstra o interesse do qual temos falado nos parágrafos anteriores, bem como corrobora a existência de uma crescente demanda por esse tipo de conhecimento.

Com relação ao conteúdo, foi dividido em três grandes tópicos: Aula 1 – As origens da Língua Grega; Aula 2 – Os elementos da Língua Grega; Aula 3 – Os usos da Língua Grega. Cada um deles, por sua vez, foi dividido em outros tópicos relevantes, que serão pormenorizados a seguir.⁶³

1 – As origens da Língua Grega

A primeira aula da oficina teve como tema a origem da língua grega antiga, perfazendo um panorama histórico dos sistemas de escrita conhecidos daquela região. O desenvolvimento da Língua Grega na Antiguidade pode ser dividido em

⁶³ O conteúdo que se segue têm como fonte o curso ministrado, e pode ser confrontado com a bibliografia indicada.

quatro sistemas básicos, o Linear A (séc. XIX a XV a.C.), o Linear B (séc. XV a XII a.C.), o Grego Clássico (séc. VIII a IV a.C.) e o Grego Koiné (a partir do séc. IV a.C.).

- Linear A

Creta foi o berço da civilização Minoica, que se desenvolveu entre os anos 2000 e 1200 a.C. Além de grandes pinturas e grandes palácios, os minoicos também desenvolveram o primeiro sistema de escrita europeu, o chamado “Hieróglifo Cretense” (sistema pictográfico). Concomitante a ele surgiu o Linear A, usado entre 1800 e 1400 a.C. Embora bastante diferentes visualmente e criados para diferentes propósitos, ambos parecem ter sido parte de um mesmo sistema. Desse sistema se conhece hoje cerca de 70 caracteres silábicos e 100 ideogramas. Apesar disso, o Linear A não foi ainda decifrado. No entanto, os estudos sobre esse sistema desenvolvidos até hoje – e que continuam acontecendo – apontam que o Linear A é mais semelhante ao Linear B, sistema micênico de escrita, do que o próprio sistema pictográfico.

- Linear B

A primeira tabuleta de Linear B foi encontrada pelo arqueólogo Sir. Arthur Evans em 1886. Dez anos depois, Evans iniciou o processo de compra do terreno em Creta onde as tabuletas surgiam, e em seu tempo eram usadas como amuleto por mulheres locais. Em 1900, começaram as escavações sistemáticas naquele terreno. As bases para decifração do Linear B, estabelecidas pela arqueóloga americana Alice Kober, foram lançadas em 1953 pelos ingleses Michael Ventris (arquiteto) e John Chadwick (linguista), que o relacionaram com o grego arcaico. Apesar de somente ter sido creditada postumamente, foi Kober quem descobriu que o alfabeto Linear B é composto por sílabas, não letras, e que cada sílaba podia ser composta por uma vogal ou uma vogal e uma letra, além de outras regras da língua. Com a morte de Kober, em 1950, Michael Ventris assumiu o trabalho de decifração.

O Linear B é um sistema pictográfico e alfabético que existiu entre 1400 e 1150 a.C., aproximadamente. O silabário é composto por 87 sinais, dos quais 65 são evidentemente silábicos, e numerosos ideogramas. Os sinais silábicos representam as vogais e mais as diversas combinações entre as 12 consoantes e as 5 vogais. Desses 87 silabogramas, identificou-se que 64 foram herdados do Linear A. Além dos sinais silábicos há, como foi dito, o grupo dos ideogramas, em que uma única imagem gráfica se assemelha ao ser/objeto que representa e define, uma palavra inteira ou um conceito. Cabe ressaltar que o principal material de suporte para o Linear B é a terracota, cujas particularidades – material barato, de fácil acesso e manipulação, leve e fácil de armazenar e transportar – são bastante compatíveis com os usos que conhecemos do Linear B – majoritariamente registros burocráticos, relacionados a produção, armazenamento e comércio de alimentos e objetos de uso diário, mas também alguns registros relacionados a crenças e ritos, além de o cunho “político”.

- Grego Clássico

As mais antigas inscrições alfabéticas gregas datam do século VIII a.C. e já mostram alto grau de desenvolvimento. É o primeiro alfabeto a representar as vogais por meio de sinais próprios. O alfabeto grego baseia-se no alfabeto fenício desenvolvido por volta de 1050 a.C., os sinais teriam sido levados para as regiões da Eretria e da Cálquida pelos comerciantes que mantinham contato com fenícios da Sírio-Palestina. A princípio, cada pólis usava o seu conjunto de sinais. O alfabeto de Mileto foi adotado por Atenas em 403 a.C. e em seguida pelas demais póleis, tornando-se o alfabeto padrão. Pode-se distinguir quatro grandes grupos linguísticos, definidos a partir das regiões em que foram estabelecidos: jônico-ático (Ásia Menor, Ilhas Cícladas, Eubéia e Ática), eólio (Tessália, Beócia, Lesbos e litoral da Ásia Menor), arcádio-chipriota (Arcádia, Peloponeso e Chipre) e dórico (Peloponeso, Creta, Rodes, Cós, Tera, ilhas menores, Magna Grécia e Sicília). Portanto, o que é conhecido por Grego Clássico compreende o dialeto falado em

Atenas entre os séculos V e IV a.C., na época de Péricles, de Platão, dos dramaturgos e oradores.

- Grego Koiné

O Grego Koiné trata-se da unificação da língua em Período Alexandrino, impulsionada pela expansão territorial empenhada por Alexandre, o Grande, como forma de reafirmar uma identidade grega entre os gregos migrantes. O alfabeto grego foi unificado para todos os seus dialetos em 403 a.C. e foi baseado nos dialetos jônico e dórico. O Koiné é conhecido também como Grego Helênico, como forma literária pós-clássica.

Ressalta-se que, como se pode perceber, os textos que conhecemos da Antiguidade Grega, como os dos grandes pensadores e as peças teatrais, foram escritos em sua grande maioria em Grego Clássico, em seus diversos dialetos de acordo com a origem do autor. Para a leitura de textos manuscritos e transcrições tardias o alfabeto Koiné é suficiente, porém quando nos deparamos com inscrições mais antigas, em pedra, papiro, metal ou cerâmica, comumente encontramos sinais de alfabetos locais usados pelas pólis até o final do século V a.C.

Ainda na primeira aula, apresentamos as letras do alfabeto grego, uma a uma. Cada letra foi apresentada mostrando o movimento da mão na escrita, a leitura fonética e a sua transliteração para o alfabeto latino que usamos. Nesse momento, os alunos foram convidados a treinar a escrita das letras, e para isso foi disponibilizado um material didático em PDF orientado para a prática da caligrafia. Além disso, apresentamos também os sistemas numerais.

A α B β Γ γ Δ δ E ε Z ζ H η Θ θ
 I ι K κ Λ λ M μ N ν Ξ ξ O ο Π π
 Ρ ρ Σ σ Τ τ Υ υ Φ φ Χ χ Ψ ψ Ω ω

Figura 1: Representação gráfica das letras do alfabeto grego, com maiúsculas e minúsculas. Elaborado pela autora.

O alfabeto grego possui 24 letras. São 17 consoantes e 7 vogais, sendo essas longas (ω e η), breves (o e ϵ) e longas ou breves (α , i , u). Antes do Período Helenístico havia apenas letras maiúsculas. As letras minúsculas foram inseridas no Período Alexandrino e se popularizaram séculos depois, na Idade Média, a partir do século IX, com o Império Bizantino, quando também foram sistematizados os sinais diacríticos.

Por sua vez, a notação numérica grega, a partir do Período Arcaico, conta com dois sistemas, o Sistema Acrofônico e o Sistema Alfabético. O Sistema Acrofônico foi usado a partir do século VII a.C., enquanto o Sistema Alfabético foi usado a partir do século II a.C. No sistema Acrofônico as unidades são indicadas por barras verticais, e os números 5, 10, 100, 1000 e 10000 pelas letras iniciais das palavras correspondentes. Múltiplos de 50 tinham notações combinadas. Os sinais eram repetidos para representar o número desejado, por exemplo: $\Delta\Delta\Delta\Gamma\text{IIII}=39$.

O Sistema Alfabético utiliza a ordem alfabética para representar as unidades, dezenas e centenas. Um sinal semelhante ao acento agudo é colocado em seguida da letra para indicar que se trata de um numeral. Quando o número é maior do que 1000, coloca-se o mesmo sinal à esquerda, abaixo.

Por fim, abordamos o sistema monetário estabelecido após as reformas de Sólon, em que a dracma equivalia a seis óbulos. O estáter valia cerca de 4 dracmas, a mina valia 100 dracmas e o talento valia 60 minas.

2 – Os elementos da Língua Grega

Na segunda aula da nossa oficina, foram abordados os elementos da Língua Grega e a forma como os classificamos para podermos compreendê-la de forma satisfatória. Esta foi, sem dúvida, a aula mais densa da oficina, tendo em vista a complexidade dos conceitos. Mas vale ressaltar que, se tratando de uma introdução à língua, não procuramos aqui aprofundar em cada um dos elementos

e conceitos, mas sobretudo apresentá-los aos alunos, de forma que se tornassem termos familiares para que fossem aprofundados em um eventual curso mais específico e extenso sobre a língua grega.

Iniciamos, então, com a morfologia das palavras, que podem ser divididas em:

- **Raiz:** é o elemento simples que indica o sentido geral numa série de palavras a que dá origem.
- **Tema:** é a parte mais ou menos invariável da palavra, separada da desinência, que exprime uma modalidade da ideia fundamental. Pode ser a própria raiz, ou ela com alguns afixos.
- **Desinência:** são os sufixos colocados no fim das palavras variáveis, para indicar o *caso* e o *número* nos nomes, e o *número* e *peçoas* nos verbos.

Dando continuidade à formação das palavras, discutimos os tipos de acento. Mais uma vez, não nos aprofundamos nas regras de acentuação, mantendo o objetivo de apenas apresentar os elementos aos alunos. A língua grega tinha acentuação de natureza musical, em que na sílaba acentuada o tom se eleva um pouco. Diferente das línguas modernas com acentuação tônica, em que a sílaba acentuada é pronunciada com mais força. Quando o idioma se difundiu para o Oriente foi necessária a inclusão de sinais que indicassem aos não gregos a correta pronúncia das palavras, além da divisão do texto em parágrafos e o ritmo de leitura. Esses sinais, conhecidos como “sinais diacríticos”, compreendem os acentos, aspirações e pontuação.

As aspirações são também conhecidas como “espírito rude”, que confere às vogais e ao p iniciais uma aspiração; e “espírito doce”, que indica ausência de aspiração. Quando a palavra é transliterada, a aspiração é substituída por um “h”.

A língua unificada possui também três acentos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^), ou til (~). São colocados sobre a sílaba acentuada, e no caso de cair sobre um ditongo, é sempre escrito sobre a segunda vogal que o compõe.

Por fim, foram apresentados os sinais de pontuação:

. = ponto final;

; = ponto de interrogação (?);

· = dois pontos (:), ponto e vírgula (;), ponto de exclamação (!).

Encerrada a apresentação dos elementos, passamos para a classificação das palavras. Iniciando pelos nomes, podemos classificar por:

Caso – diz respeito à função que uma palavra desempenha na frase, suas formas gramaticais. Pode ser de sujeito, objeto direto, objeto indireto etc. No grego cada função diferente é determinada pela terminação da palavra. O sistema com cinco casos é o sistema padrão na maioria das gramáticas de Grego Clássico e Koiné. Esse sistema reconhece que existem vários usos sintáticos para cada um dos casos.

- **Nominativo:** é usado principalmente para indicar o sujeito da frase. Pode ser usado também para indicar o predicativo do sujeito.
- **Acusativo:** é o objeto direto da frase.
- **Genitivo:** tem por volta de 30 usos sintáticos diferentes, mas para os fins a que nos propomos seus principais usos indicam posse ou origem.
- **Dativo:** é usado principalmente para indicar o objeto indireto, mas abrange também as ideias de finalidade, instrumentalidade e localidade.
- **Vocativo:** é usado para exclamação e invocação.

Gênero – no grego existem três gêneros: masculino, feminino e neutro. É intuitivo para nós compreender o masculino e o feminino. Já o neutro não existe no Português, o que dificulta a compreensão e classificação das palavras. Identificá-las como objetos é incorreto e insuficiente. Dessa forma, declinamos da tentativa de definição e nos atemos ao modo como os identificamos. Além dos nomes das letras do alfabeto, os nomes terminados em -ov, e todos os diminutivos em -iov, embora designem seres masculinos ou femininos, e os nomes em -a (Gen. -ατος).

Número – no Grego Koiné existem o singular e o plural, como no Português. No Grego Clássico identificamos a existência do dual, que mesmo nos Períodos Arcaico e Clássico era raramente usado – há algumas poucas

ocorrências na obra homérica. O dual, como o próprio nome sugere, indicava algo duplo ou composto por dois.

A identificação dos casos, gênero e número dos nomes se dá pela observação da terminação das palavras, que variam conforme essas características. A essas flexões chamamos “declinação”. Vale lembrar que a declinação de determinado nome não interfere no significado da palavra. Existem três declinações na língua grega, que por sua vez também sofrem subdivisões, que mais uma vez não foram abordadas aqui.

1ª Declinação: substantivos cuja raiz termina em “α”. Ex.: γλῶσσα (língua)

2ª Declinação: substantivos cuja raiz termina em “ο”. Ex.: ἄνθρωπος (homem)

3ª Declinação: substantivos cuja raiz termina em consoante. Leva também o nome de declinação consoante. Ex.: πόλις (cidade)

Por sua vez, os verbos têm também suas classificações próprias, assim como no Português. Além do número, do tempo e da pessoa, que são iguais ao Português, essas classificações são divididas em:

Voz:

- **Ativa:** realiza a ação;
- **Passiva:** recebe a ação;
- **Média:** Exprime uma ação do sujeito em seu próprio interesse.

Modo:

- **Indicativo:** é usado em declarações factuais;
- **Subjuntivo:** é usado para expressar situações hipotéticas ou incertas. Pode ser usado no sentido “deveria” ou “pode”;
- **Imperativo:** é usado para dar comandos ;
- **Infinitivo:** é um modo que se refere à ação sem uma pessoa ou número. Ele funciona muito como um substantivo verbal;

- **Particípio:** forma verbal nominal não finita, ou seja, é um “adjetivo verbal”;
- **Optativo:** exprime uma eventualidade, uma ação passível de ocorrer no futuro ou um lamento. Funciona de forma semelhante ao subjuntivo em Português.

Aspecto:

- Durativo, ou **imperfectivo:** a ação como um processo duradouro e em desenvolvimento;
- Pontual, ou **aoristo:** ação simples, pontual;
- Resultativo, ou **perfectivo:** resultado de uma ação acabada.

3 – Os usos da língua grega

A terceira, e última, aula da oficina apresentou aos alunos a diversidade com que a língua grega era usada na Antiguidade, para por fim apontar caminhos para o seu estudo na atualidade. Começamos pelas particularidades da literatura de acordo com o período histórico em que foi produzida.

- **Período Arcaico** (aprox. 750 a.C. - 480 a.C.)

Há poucos registros escritos, como listas dos vencedores de competições em festivais e nomes de reis. Chegou-nos por registros posteriores que nesse período havia dois tipos de poesia: a lírica, ou mélica, caracterizada por ser acompanhada pela execução de instrumentos musicais; e a épica, que contava, por meio da mitologia, a formação do povo e da cultura gregos. Ambas eram transmitidos oralmente e os registros escritos que conhecemos são posteriores à sua época. Os dois autores mais conhecidos foram Homero e Hesíodo.

- **Período Clássico** (aprox. 480 a.C. - 323 a.C.)

Foi o apogeu político e cultural após as guerras entre gregos e persas, quando foi estabelecido o padrão de beleza clássico. Nesse período, de grande produtividade cultural, surgiram no âmbito dos grandes festivais os teatros de tragédia e comédia. Indo além da literatura ficcional, sugeriram

também os filósofos – e seus escritos – e os primeiros historiadores. São desse período: Sócrates, Platão, Aristóteles, Heródoto, Tucídides, Sófocles, Aristófanes, Ésquilo e muitos outros.

- **Período Helenístico** (aprox. 323 a.C. - 30 a.C.)

Com a morte de Alexandre e a dissolução do império, a cidade de Alexandria, no Egito, passou a ser o centro cultural do mundo grego, não mais a parte continental grega. Assim, o público se tornou muito mais diverso. Nesse período surgiu com mais força a prosa literária, além da filologia e de textos técnicos – jurídicos, teóricos e historiográficos. Vale destacar a criação de grandes bibliotecas em Alexandria, Pérgamo e Antioquia. Destacam-se entre os autores dessa época: Esopo, Heráclito de Éfeso, Diógenes de Apolônia, Anaxágoras e Demócrito.

Tendo se familiarizado com os tipos de produção ao longo do tempo, se torna necessário entender também a materialidade desses textos. Afinal, a necessidade de se desenvolver uma escrita para a língua passa pela necessidade de registro, mas também de transmissão desses textos. Sendo assim, encontramos textos gregos escritos sobre os mais variados materiais. O estudo dessas inscrições está no campo da *Epigrafia* (do grego *ἐπιγραφή*, inscrição, epo+grafo = “gravar sobre algo”), ciência que tem por objeto o estudo, decifração e interpretação das inscrições antigas. Entre os materiais sobre os quais os textos em Grego Antigo são registrados destacam-se pedras, metal, argila, papiro, painéis e mosaicos. Cada um deles, igualmente, tem o seu propósito e o seu alcance social, ponto muito importante a se levar em consideração na interpretação de um texto e, principalmente, nas proposições sobre a importância desses textos nas sociedades em que foram escritos. A seguir apresentamos alguns exemplos de inscrições em diferentes materiais e com propósitos distintos.

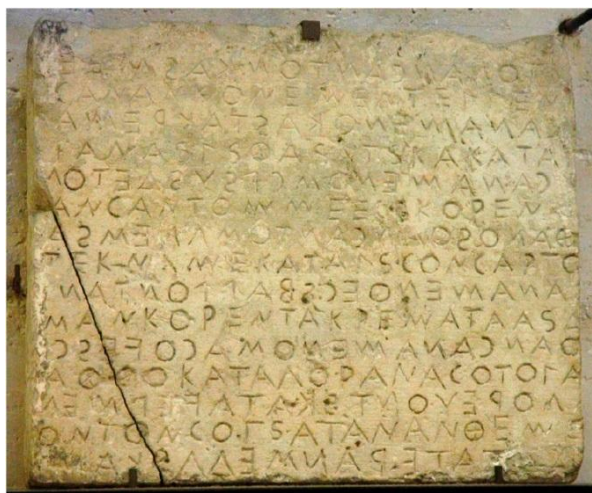


Figura 2: Legislação sobre a herança. Fragmento da Coluna IX, Código de Gortina, Creta. Museu do Louvre, Ma 703. Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).

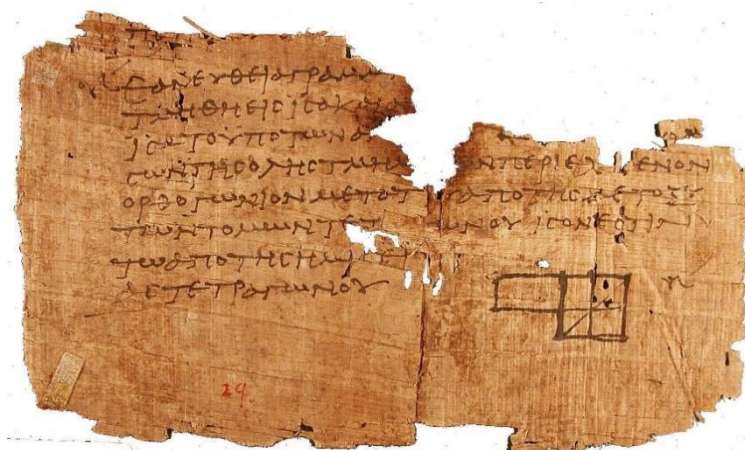


Figura 3: *Oxyrhynchus Papyri* vol. I nº 29, fragmento de *Elementos*, de Euclides. Universidade da Pensilvânia. Fonte: Wikimedia Commons (Domínio Público).



Figura 4: Plaqueta de bronze, séc V a.C. Museu Arqueológico de Nápoles. Foto da autora.



Figura 5: “Quem de todos esses bailarinos o faz agora mais delicadamente, leia isto...”.
Inscrição de Dipilon, 740 a.C. Museu Arqueológico Nacional, Atenas. Foto da autora.

Os processos de tradução

Encaminhando para a finalização do nosso curso, tratamos de um ponto de grande interesse para os alunos, como se dá o processo de tradução. Não falamos aqui de uma tradução profissional, que certamente engloba muitos outros aspectos e nuances, inclusive a interpretação do tradutor. Mostramos, na prática, como partimos de um texto em Grego e chegamos em um texto inteligível em Português. As etapas desse processo são:

- **Transliteração:** Transposição em alfabeto latino por equivalência de caracteres.
- **Transcrição:** Transposição em alfabeto latino levando em conta a indicação fonológica: acentuação, ditongos e encontros consonantais.
- **Tradução:** Interpretação do conteúdo em um outro sistema linguístico.

Etapas da tradução	
GREGO	πόδας ὠκύς Ἀχιλλεύς
TRANSLITERAÇÃO	<u>Pó</u> das <u>okús</u> <u>Achilléus</u>
TRADUÇÃO LINEAR	Pés rápidos Aquiles
TRADUÇÃO INTERPRETATIVA	Aquiles, de pés ligeiros

Figura 6: Etapas da tradução do Grego Antigo para o Português.

A prática de tradução é relativamente livre, ou seja, o tradutor tem liberdade para definir seus critérios. Mas quando se trata de línguas antigas, é comum seguir alguns parâmetros, de modo a garantir certa homogeneidade nas traduções. Especialmente com relação aos nomes próprios. Para o Grego Antigo seguimos duas principais normas: a norma internacional ISO 843; e como norma nacional as diretrizes publicadas pela SBEC – *Clássica* vol. 19 nº 2 (2006).

Encerramos o curso apresentando alguns recursos publicados e *on line* para o estudo da língua em todos os níveis, como métodos e dicionários. Esses recursos foram acrescentados aqui na Bibliografia.

Considerações Finais

O Projeto LETRINHAS, que teve seguimento com outras oficinas em momentos posteriores, mostrou-se uma atividade muito bem sucedida no âmbito das iniciativas de difusão de conhecimento das áreas dos Estudos Clássicos por meios virtuais no país. Hoje, são inúmeros os projetos de difusão de Estudos Clássicos, entre canais do Youtube, podcasts e grupos de estudo virtuais que surgiram principalmente durante a Pandemia de COVID-19, no Brasil e no mundo. O Projeto LETRINHAS, que já existia desde 2016 e foi ampliado pelo LECA Unipampa, se mostra recurso muito válido para aqueles que não têm acesso a esses conhecimentos em suas instituições, suprimindo uma demanda que as próprias universidades hoje não dão conta, por diversas razões que não nos cabe

aqui discutir. Essa afirmação foi fortemente corroborada pelo retorno que tivemos por parte dos alunos, que em seus relatos reafirmaram a quão proveitosa foi a experiência. O fato de a oficina estar disponível *on line* a todo e qualquer interessado permitiu que pessoas das diversas regiões do país, e com os mais variados propósitos, disfrutassem do acesso a esse conhecimento, satisfazendo os nossos objetivos.

Como afirmamos, o intuito era atingir aqueles jovens pesquisadores que por algum motivo não tinham acesso a esses conhecimentos. No entanto é muito válido destacar que uma parte dos alunos que se inscreveram e acompanharam a oficina é composta por pessoas de fora do ambiente acadêmico, que buscaram a oficina por interesses pessoais e, mesmo, por curiosidade. Essa parcela do público não pode ser negligenciada, pois não há dúvida de que esse alcance ajuda em muito para que as línguas consideradas “mortas” continuem vivas, despertando interesse e atingindo cada vez mais estudiosos dispostos a dedicarem-se a elas.

Vale ressaltar que, como um dos resultados da oficina de Língua Grega, tivemos muitos pedidos da parte dos alunos para que promovêssemos um curso mais extenso e pormenorizado. O pedido foi discutido entre eu e os coordenadores do laboratório, e por fim elaboramos um curso de extensão de Língua Grega, com duração prevista de três módulos, cada um sendo ministrado em um semestre. O curso foi concretizado e o primeiro módulo já foi ministrado no segundo semestre de 2024, igualmente com grande sucesso de público e interesse, o que nos deixa bastante satisfeitos.

BIBLIOGRAFIA

- BERNABÉ, A.; LUJAN, E. *Introducción al griego micénico: gramática, selección de textos y glossários*. Prensas Universitarias de Zaragoza, 2006.
- CARPENTER, RHYS. "Linear B", *Phoenix*, Vol. 11, No. 2, pp. 47–62, 1957.
- HAVELOCK, E. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. Trad. Ordep J. Serra, Editora Unesp/Paz e Terra, 1996.

HORROCKS, G. *Greek: A history of the language and its speakers. From Mycenaean to modern* (Longman Linguistics Library). Addison-Wesley, 1997.

Métodos em português:

BRANDÃO, J. L. *HELLENIKA. Introdução ao Grego Antigo*. Editora UFMG, 2009.

Joint Association Teacher. *Aprendendo Grego* (Reading Greek). Tradução: Luiz Alberto Machado Cabral. Editora Odysseus, 2010.

MURACHO, H. *Língua Grega. Visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Editora Vozes, 2007.

Métodos em outras línguas:

BALME, M. *Athenaze: an introduction to Ancient Greek*. 2 vols. Oxford University Press, 1990.

Joint Association Teacher. *Reading Greek*. 2 vols. Cambridge University Press, 1999.

Gramáticas em Português:

JÚNIOR, M.A., *Gramática de Grego*, Alcalá, 2003.

RAGON, E. *Gramática Grega*. Editora Odysseus, 2012.

Gramáticas em outras línguas:

GOODWIN, William W., *A Greek Grammar*, Macmillan, 1987.

RAGON, E., *Grammaire grecque*, Klincksieck, 1972.

Dicionários Grego – Português:

DEZOTTI, M. C. (org.) *Dicionário Grego-Português*. Ateliê Editorial, 2022.

Dicionário Acadêmico Grego – Português. Porto Editora.

GALVÃO; RAMIZ. *Vocabulário Etimológico Ortográfico e Prosódico das Palavras Portuguesas Derivadas da Língua Grega*. Editora Garnier.

PEREIRA, I. *Dicionário Grego-português-português-grego*. Liv. Apostolado da Imprensa.

Dicionários para outras línguas:

BAILLY, A. *Dictionnaire grec français*. Hachette, 1950.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. A. *A Greek-English Lexicon*. Clarendon Press, 1968.

Recursos on-line em português:

<http://perseidas.fclar.unesp.br/3x/> - Dicionário digital Grego Antigo – Português do Projeto Aberto em Letras Clássicas Digitais FCLAr/UNESP.

Recursos on-line em inglês:

<http://alpheios.net/> - Projeto Perseus – Tufts em parcerias com outras universidades (UNESP no Brasil) de auxílio ao estudo de textos gregos, com ferramentas de tradução e banco de textos e árvores sintáticas. Colaborativo.

http://www.cambridgescp.com/ws2_tlc/greek2/voc.html - Testes de vocabulário para o método Reading Greek.

<http://babel.mml.ox.ac.uk/naughton/polytonic-greek-inputter.html> - Unicode Classical Greek Inputter. Conversor de fonte para termos em Grego Antigo Unicode Universal.

<http://stephanus.tlg.uci.edu/> - “Thesaurus Linguae Graecae”. Biblioteca, L&S on-line e recursos para estudo da língua.

<http://www.translitteration.com/transliteracao/pt/grego/greeklish/> - Sistema que ajuda na transliteração de palavras do Grego para o Português.

<http://web.uvic.ca/hrd/greek/reading/> - Testes de vocabulário para o método Athenaze.